

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

Escrito em Búlgaro, o volume tem resumos em Francês, o que — juntamente com a profusão das ilustrações — o torna acessível aos investigadores da Europa ocidental.

Yelizar Velkov assina o 1.º artigo acerca da situação, estudos e fontes para o estudo de Cabylé. Os demais artigos — devidos à pena de diversos investigadores búlgaros — versam aspectos arqueológicos (escavações na basílica n.º 1 e nas necrópoles trácias em torno da cidade) e alguns conjuntos do espólio encontrado: a cunhagem de moedas de bronze na época helenística, as moedas achadas, 138 marcas de ânforas, o conteúdo dum vaso em bronze, avançando-se inclusive um estudo antropológico.

O vaso, em jeito de busto de sátiro, deve ter contido azeite aromatizado para ungir o corpo antes das competições desportivas.

A análise dos 53 esqueletos, eventualmente sepultados em tempo de paz porque há a mesma proporção entre os dois sexos, revelou que se trata muito provavelmente de gente de raça mediterrânica, com uma média de vida de 41,5 anos.

As marcas de ânfora documentam as relações comerciais com as ilhas do Mediterrâneo oriental, relações cujo apogeu se situa em meados e na 2.ª metade do séc. m a.C., como aliás o comprova também o estudo numismático. Em 80-70 a.C., os Romanos tomaram a cidade, alterando as relações sócio-económicas.

Bastantes desenhos e fotografias — algumas de muito boa qualidade — ilustram os temas tratados.

É, em suma, o tipo de trabalho monográfico, concebido e realizado em equipa, cujo elevado interesse histórico nos parece desnecessário sublinhar.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Enrique FLÓREZ, *La Cantabria*. Ediciones de Libreria Estudio, Santander, 1981. Introdução e comentários de Ramón Teja e J. M. Iglésias-Gil. 322 pág.

Ainda não estará completamente feita uma historia crítica da historiografia da Antiguidade Clássica. E valeria a pena debruçarmo-nos de novo sobre os nossos autores desde a era de Quinhentos até quase aos nossos dias, de forma a detectarem-se, num âmbito de historia cultural e das mentalidades, as opiniões vigentes ñas diversas épocas acerca dos Romanos e seus costumes e fações em relação com a Historia Pátria.

Entre nós, desde um André de Resende há toda uma série de escritores (Frei Bernardo de Brito, Manuel Faria e Sousa...) cujas páginas sobre a antiguidade de Portugal nos deveriam merecer mais do que um ingénuo sorriso condescendente. Haveria que estudá-las e divulgá-las até, na medida em que tais volumes, pela sua antiguidade, se tornam cada vez mais inacessíveis mesmo ao estudioso.

Por isso não podemos deixar de aplaudir a iniciativa levada a cabo em Santander (Espanha) de publicar, em edição facsimilada, *La Cantabria* do P.<sup>e</sup> Henrique Flórez, dada à estampa pela primeira vez em 1768.

Ramón Teja e J. M. Iglésias-Gil, dois jovens professores do Departamento de História Antiga da jovem Universidade de Santander, encarregaram-se, em boa hora, da introdução e dos comentários. Na introdução, procuram integrar a obra no seu tempo: historiam as vicissitudes da tese do vasco-cantabrismo (que defendia a identificação dos Cántabros com os actuais Bascos) e mostram como o P.e Flórez, ao delimitar com precisão os contornos da Cantábria romana (distinguindo-a do País Basco), deu o golpe de misericórdia à ideia — o que não deixou de ter importantes implicações político-administrativas. Compreende-se, aliás, que seja possível reeditar agora *La Cantabria*, no momento em que se caminha, em Espanha, para a progressiva autonomia das suas várias províncias com unidade histórico-cultural.

E a obra do P.e Flórez visa exactamente delinear um quadro o mais completo possível — em todos os aspectos, geográfico, étnico, cultural — do que foi a Cantábria antiga: «Disertación sobre la situación de la Cantabria, con noticia de otras regiones confinantes y varias poblaciones antiguas». Aliás, ele próprio deixa perceber o seu intuito logo nas primeiras linhas:

«La principal controversia acerca de la *Cantabria* es sobre la situación y extensión. En varios tiempos hubo variedades en los límites. Algunos escritos no distinguieron tiempos y confundieron sitios. Para hablar con distinción, reducimos ahora la investigación a la Cantábria *antigua* (...)» (p. 49).

Tinha razão E. Florez na sua investigação ? Foi a resposta a esta pergunta que norteou os comentários de Ramón Teja e Iglésias-Gil, oferecendo-nos em oportunas notas de rodapé o estado actual dos conhecimentos, remetendo para a correspondente bibliografia especializada.

Tem, pois, o maior interesse documental o livrinho ora editado e apresentado em público no decorrer do congresso comemorativo do I Bimilenário da Conquista da Cantábria pelos Romanos (Santander, Julho 1981). Uma que outra falha se encontrará aqui e além, devido a compreensíveis lapsos, que numa reedição se poderão corrigir. Assinalemos alguns que topámos:

Dum modo geral, no que concerne às inscrições, é dada a correspondência com o CIL. No entanto, no § 98 (p. 120-2), é CIL II 242\* e não CIL II 242 (o texto é falso); nos §§ 102-104 (p. 123-5), não se diz que esses *termini augustales* entre os campos da IV legião e o território de Iuliobriga vêm referidos em CIL II 2916; também a nota ao § 113 não cita CIL II 4192, que transcreve o texto em causa. A respeito de *Vadinia*, mal ou bem, um dos livros que mais exaustivamente aborda a questão é certamente o de Carmen García Merino, *Población y Poblamiento en Hispania romana. El conventus Cluniensis* (Valladolid, 1975), que não vem indicado nem na nota nem na bibliografia. Aliás, também em relação ao bispo Idácio (§ 321, p. 280-1) nos parece dever citar-se a investigação levada a efeito por Alain Tranoy, nomeadamente a sua edição da *Crónica* (Paris, 1974).

Mantiveram os editores: o apêndice da obra original, que traz a «ordem com que Ptolomeu menciona as regiões pertencentes a este livro» e que seria completado por um mapa (aqui não incluído); e um índice «das coisas mais notáveis desta dissertação» também da lavra do P.e Flórez. A bibliografia geral, que fecha o volume, refere-se exclusivamente às obras citadas pelos comentadores.

Trabalho muito válido, pois, esta reedição dum livro do séc. xvm, que assim se torna acessível a todos os investigadores.

Oxalá se tornem realidade iniciativas semelhantes, permitindo dessa forma que se veja a outra luz a historiografia dos séculos passados.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO